



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E  
CLÍNICA**

**ALTERAÇÕES NA APRENDIZAGEM: RECONHECER, TRATAR E  
PREVENIR.**

**THALITA GERALDA DA SILVA BORGES**

ANÁPOLIS

2012

**THALITA GERALDA DA SILVA BORGES**

**ALTERAÇÕES NA APRENDIZAGEM: RECONHECER, TRATAR E  
PREVENIR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicopedagogia Institucional e Clínica como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, sob orientação da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

**ANÁPOLIS**

**2012**

**THALITA GERALDA DA SILVA BORGES**

**ALTERAÇÕES NA APRENDIZAGEM: RECONHECER, TRATAR E  
PREVENIR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis, 17 de março de 2012.

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ NOTA\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Esp. Ana Maria Vieira de Souza  
Orientador (a)

---

Professor Mestre Artur Vandr  Pitanga  
Convidado (a)

---

Professora Esp. Aracelly R. Loures Rangel  
Convidado (a)

## RESUMO

A psicopedagogia surgiu da necessidade de se compreender o processo de aprendizagem, como o indivíduo aprende, como essa aprendizagem varia, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las. Espera-se com este trabalho, identificar a origem dos fatores que desencadeiam as dificuldades e/ou distúrbios de aprendizagem, compreender como se manifestam durante o processo de aprendizagem e auxiliar na reelaboração de história de vida do indivíduo, reconstruindo fatos fragmentados, possibilitando assim, que o mesmo retome o percurso normal de sua aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alterações na aprendizagem. Tratamento. Prevenção.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>6</b>  |
| <b>1 METODOLOGIA .....</b>  | <b>8</b>  |
| 1.1 CAMPO DE ESTÁGIO .....  | 8         |
| 1.2 TÉCNICAS .....  | 9         |
| 1.3 PROCEDIMENTOS.....  | 9         |
| <b>2 DIAGNÓSTICO.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....</b>                 | <b>12</b> |
| 3.1 ENTREVISTA COM A PROFESSORA .....                             | 12        |
| 3.2 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA .....                              | 13        |
| 3.3 ANAMNESE .....  | 14        |
| 3.4 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (E.O.C.A.)..... | 15        |
| 3.5 OBSERVAÇÃO DA ALUNA FORA DA SALA DE AULA .....                | 19        |
| 3.6 PAREJA EDUCATIVA.....   | 20        |
| 3.7 DIA DOS MEUS CUMPLEAÑOS .....                                 | 22        |
| 3.8 OS QUATRO MOMENTOS DA CRIANÇA.....                            | 24        |
| 3.9 PROVAS OPERACIONAIS DE PIAGET .....                           | 26        |
| 3.10 VERIFICAÇÃO DA SUPERAÇÃO OU NÃO DO REALISMO NOMINAL.....     | 30        |
| 3.11 A HORA DO JOGO DIAGNÓSTICA .....                             | 31        |
| <b>RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO .....</b>                        | <b>38</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                  | <b>40</b> |
| 1 – DADOS PESSOAIS .....  | 40        |
| 2 – MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO .....                                | 40        |
| 3 – TEMPO DE INVESTIGAÇÃO.....                                    | 40        |
| 4 – INSTRUMENTOS USADOS:.....                                     | 41        |
| 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS NOS ASPECTOS:.....                     | 41        |
| 6 – SÍNTESE DOS RESULTADOS – Hipótese Diagnóstica .....           | 42        |
| 7 – RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES .....                              | 42        |
| 8 – OUTRAS OBSERVAÇÕES:.....                                      | 43        |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>44</b> |

|                     |           |
|---------------------|-----------|
| <b>ANEXOS .....</b> | <b>46</b> |
|---------------------|-----------|

## INTRODUÇÃO

Os primeiros atendimentos psicopedagógicos deram-se por volta do ano de 1946, onde na Europa, J. Boutonier e George Mauco fundaram o primeiro centro psicopedagógico, no qual crianças com problemas de aprendizagem e com comportamentos sociais inadequados tanto na escola como no lar eram atendidas (BOSSA, 2000).

Em seguida, sob forte Influência da corrente europeia, a psicopedagogia ganha seu espaço na Argentina e chega ao Brasil somente na década de 1970 devido à necessidade de atendimento às crianças com problema de aprendizagem (SAMPAIO, 2009).

Segundo Porto (2007, p.11), desde então, o problema de aprendizagem passou a ser “colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia”, cabendo assim ao psicopedagogo “ocupar-se inicialmente com o processo de aprendizagem, como se aprende, como essa aprendizagem varia e como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las”.

Portanto, espera-se com este trabalho, identificar as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem apresentadas por uma aluna da rede municipal de ensino da cidade de Anápolis e por meio do levantamento de hipóteses, analisá-las e elaborar um diagnóstico, buscando soluções junto à família e a escola, compreendendo os aspectos afetivos, sociais e cognitivos que a envolvem.

Assim, após a elaboração do diagnóstico psicopedagógico, será possível constatar quais aspectos a conduzem a dar uma “resposta insuficiente” as “exigências da escola, ou seja, ao fracasso escolar”, (WEISS, 2008, p.15-16).

O mesmo descreve ainda a aplicação da avaliação psicopedagógica, das técnicas de intervenção, da interpretação da avaliação, do processo reeducativo e os resultados obtidos.

Além disso, pretende-se por meio deste estudo, compreender melhor como a dinâmica familiar pode de certa forma interferir no processo

de aprendizagem, quais os fatores referentes ao ambiente familiar refletem na vida escolar da criança e como os métodos utilizados pelo psicopedagogo podem contribuir para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz.

Pois ao atuar preventivamente no âmbito escolar, familiar e social, o psicopedagogo esclarece sobre as diferentes etapas do desenvolvimento e suas características, evitando-se assim por parte da escola e da família, cobranças de atitudes e pensamentos, os quais ainda não são próprios da idade da criança (SAMPAIO, 2009).

Deste modo,

ao psicopedagogo cabe o papel de mediador entre o sujeito e sua história traumática, a qual lhe causou a dificuldade de aprender, podendo assim, auxiliá-lo na reelaboração de sua história de vida, reconstruindo fatos que estavam fragmentados, retomando assim o percurso normal de sua aprendizagem” (PORTO, 2007, p.109).

No decorrer deste trabalho, apenas as iniciais do nome da criança, da professora e da instituição de ensino serão mencionadas, visando assim à preservação de suas identidades. A menina de quatro anos e nove meses será chamada de R.M.S., a professora será chamada de tia V. e a instituição onde a mesma estuda será chamada de C.E.I.B.S.M.

O estudo em questão se fez a partir da queixa da tia, a qual exerce papel de mãe de R.M.S. e do encaminhamento do C.E.I.B.S.M., uma vez que a menina tem apresentado rendimento insatisfatório, o qual gerou preocupação por parte da família e da escola.

Deste modo, este estudo, realizado na cidade de Anápolis, no C.E.I.B.S.M. visa alcançar os objetivos propostos por meio de entrevistas, observações, avaliações pedagógicas e psicopedagógicas, diagnosticar os problemas referentes à aprendizagem de R.M.S e encaminhá-la ao tratamento necessário.



## 1 METODOLOGIA

### 1.1 CAMPO DE ESTÁGIO

Após o primeiro contato com a direção da escola, iniciou-se a observação de campo, na qual coordenação pedagógica, diretoria e corpo docente indicaram R.M.S. uma aluna do Jardim I com idade de 4 anos e 9 meses.

Neste primeiro momento a coleta de alguns dados sobre o paciente é de fundamental importância, é preciso saber seu nome, idade, escolaridade, se vive com os pais ou só com um deles e se o paciente ou sua família autorizam a avaliação do psicopedagogo. É necessário ainda ouvir a queixa apresentada pela família e pela escola, pois ela precisa ser escutada ao longo de diferentes sessões diagnósticas, sendo essencial a reflexão sobre o seu significado (WEISS, 2008).

Ao término da entrevista com a professora do Jardim I, várias queixas foram citadas com relação à aluna R.M.S., as quais envolvem aspectos afetivos, sociais, cognitivos e pedagógicos. Em seguida fez-se a observação dos aspectos físicos, administrativos, pedagógicos e funcionais da Instituição Escolar.

A referida escola iniciou suas atividades educacionais no ano de 2007, em um prédio cedido por uma igreja evangélica, tendo como parceira a Prefeitura Municipal de Anápolis. Atualmente atende 110 alunos, sem predominância de sexo, possui em suas instalações, seis salas de aula, uma secretaria em conjunto com a diretoria, uma cozinha, 3 banheiros, 1 lavanderia e 1 pátio.

Em seu aspecto físico atende satisfatoriamente as necessidades dos alunos, porém carece de adequações em sua estrutura, visando assim uma melhoria na qualidade do atendimento. A unidade escolar conta com um quadro docente adequado para a execução dos trabalhos nos turnos matutino e vespertino, atendendo a educação infantil, composta por berçário A e B, maternal I, II, Jardim I e II. Conta ainda com o atendimento de uma

coordenadora geral e uma pedagógica, as quais atendem e auxiliam os alunos em seus horários de estudo.

Seu público alvo são crianças de 0 a 6 anos, pertencentes em sua maioria a famílias de classe média baixa, residentes nas proximidades da creche.

## 1.2 TÉCNICAS

As técnicas utilizadas para o estudo do caso R.M.S. foram: Observações dentro e fora da sala de aula e do material escolar, entrevista com a professora, *anamnese*, *Pareja* Educativa, Os Quatro Momentos da Criança, Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem (S.L.C.A.) e Provas Operatórias de Piaget.

No decorrer das sessões foram realizadas intervenções com o intuito de se aproveitar melhor às respostas da aprendente e de amenizar a problemática em evidência. Todas as ações realizadas foram detalhadamente orientadas, analisadas e embasadas em estudos bibliográficos.

## 1.3 PROCEDIMENTOS

Foram realizadas um total de 11 sessões, as quais iniciaram-se no dia 06/09/2011. Os atendimentos ocorreram no C.E.I.B.S.M. em um espaço (setting terapêutico) montado exclusivamente com o intuito de propiciar a simbolização dos processos que dizem respeito ao objeto pensado, ou seja, da ordem do inconsciente. O local escolhido e montado pelo psicopedagogo deve possuir uma estrutura física adequada para que às exigências de um bom atendimento sejam alcançadas.

No dia Dia 06/09/2011 foi realizada a entrevista sobre as instalações da Instituição e a observação em sala de aula e dos materiais da aprendente.

Ainda neste dia foi realizada a entrevista com a professora.

No dia 20/09/2011, foi realizada a *Anamnese* com a tia da aprendente.

No dia 08/11/2011, foi realizada a E.O.C.A.

A observação fora da sala de aula foi realizada no dia 10/11/2011.

No dia 11/11/2011, seguiu-se a *Pareja* Educativa.

Dia 14/11, O Dia dos meus *Cumpleaños*.

Dia 15/11/2011, Os Quatro Momentos da Criança.

No dia 23/11/2011 foi realizada a prova de conservação da quantidade de matéria.

Dia 28/11/2011 prova do comprimento.

A verificação da superação do Realismo Nominal foi realizada no dia 09/12/2011. No mesmo dia foi realizada também a verificação da conservação do volume.

No dia 13/12/2011 foi aplicada a Hora do Jogo diagnóstica.

## 2 DIAGNÓSTICO

Na elaboração do diagnóstico psicopedagógico, o psicopedagogo será capaz de “identificar no modelo de aprendizagem do sujeito, os desvios e os obstáculos básicos, os quais o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social” (WEISS, 2008, p.34).

Ao buscar por esses vestígios no contexto de vida do aprendente, os quais possam auxiliá-lo na elaboração do diagnóstico, o profissional acaba adquirindo papel de investigador (RUBINSTEIN, 2002).

Em seu texto, Gandim (1994) apud Porto (2007), afirma que “diagnosticar não significa, apenas, levantar ou descrever problemas”, ou seja, por meio do diagnóstico, o psicopedagogo poderá não só confirmar ou não suas suspeitas, mas também poderá perceber a origem do problema, podendo assim, indicar um tratamento ou intervenção psicopedagógica.

Portanto, o diagnóstico é um instrumento de grande importância para o psicopedagogo, uma vez que o mesmo possibilita a identificação e análise de informações relevantes acerca dos elementos que intervêm no processo de ensino e aprendizagem, fundamentando assim, as decisões à respeito da necessidade de tratamento ou intervenção para que o sujeito avance no desenvolvimento de suas capacidades (COLL, MARCHESI e PALACIOS, 2004).

### 3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

#### 3.1 ENTREVISTA COM A PROFESSORA

A importância da relação entre Psicopedagogo e Professor é de grande relevância, uma vez que o mesmo possui contato diário com o aluno e poderá revelar informações essenciais para o desenvolvimento e sucesso do tratamento (WEISS, 2008).

No dia 06 (seis) de setembro de 2011, realizou-se a entrevista com a professora de R.M.S., com o intuito de se compreender o relacionamento da criança na escola, em especial na sala de aula, com os colegas e com a professora.

Segundo a professora, a aprendente demonstra dificuldades em finalizar as atividades propostas, é inquieta, se dispersa, distrai-se várias vezes durante a execução das atividades, não se concentra e quando percebe que os colegas estão finalizando suas atividades, diz que vai levá-las para casa com o intuito de terminá-las. A professora mencionou ainda que R.M.S. rabisca algumas de suas atividades, motivo pelo qual algumas delas não puderam ser coladas no caderno.

A professora de R.M.S. mencionou ainda o fato de que ao chamar à atenção da menina, a mesma responde na maioria das vezes com palavrão e diz que não vai mais voltar para a escola.

Segundo a professora, existem por parte de R.M.S. reações de agressividade com os colegas e autoritarismo, reações estas que foram presenciadas durante a observação, pois R.M.S. bateu em um colega sem motivo algum, o que de acordo com a professora acontece frequentemente e por pura maldade, sem motivo. A professora ressaltou ainda que ao chamar à atenção de outras crianças, R.M.S. acha bom, sente certa satisfação em ver o colega se dar mal e ser castigado.

Por meio da entrevista pode-se observar que a professora tem preocupação com a aprendizagem de R.M.S., se dispondo a contribuir para que este problema seja solucionado, tornando assim a aprendizagem mais significativa e prazerosa para R.M.S.

### 3.2 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Ao realizar observações em sala de aula, o psicopedagogo poderá revisar os componentes do sistema didático e o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os problemas educativos em sua maioria desenvolvem-se num contexto institucional, seja na escola ou em outra instituição educativa. Portanto, cabe a psicopedagogia potencializar a sala de aula como sendo um local que estrutura à modalidade de aprendizagem e também os déficits ou dificuldades de aprendizagem que ocorrem na vida do aprendiz (COLL, 1988).

Durante a observação, R.M.S. demonstrou dificuldade em finalizar a atividade proposta pela professora, ficou inquieta, se dispersou, distraiu-se e levantou-se da cadeira várias vezes durante a execução da atividade, confirmando assim todas as informações repassadas anteriormente pela professora.

R.M.S. não se concentrou na execução da atividade proposta pela professora e quando percebeu que os colegas estavam terminando dobrou a sua atividade e guardou na mochila dizendo que iria levar para casa a fim de terminá-la.

Ainda durante a observação, ao ser advertida ignorou por várias vezes a professora, desobedeceu tentando pegar a caixa de lápis de cor que estava na parte de cima do armário. Enquanto fazia anotações, R.M.S. foi agressiva com um colega, bateu nele sem motivo algum e ainda rabiscou a tarefa de outros. Na hora da oração ficou inquieta, mas respeitou o momento e a colega que fazia a oração, em seguida lanchou sem problemas.

Em relação à aparência, R.M.S. apresenta-se bem vestida, conforme exigência da creche, suas roupas estavam limpas e bem passadas, seus cabelos cortados, penteados, unhas limpas e cortadas. Após o banho, demonstrou ser vaidosa, penteou os cabelos olhando para o espelho e passou hidratante na pele, parecia estar preocupada com sua aparência.

Durante a observação, assim como alguns de seus colegas, demonstrou curiosidade em saber quem era a pessoa diferente que estava

em sua sala e o que fazia ali, demonstrou ainda ser receptiva, ter interesse por minhas anotações, curiosidade e carinho, pois me abraçou várias vezes.

### 3.3 ANAMNESE

Segundo Moraes (2010, p.10),

a *anamnese* é o momento em que o psicopedagogo coleta “dados significativos referentes à história de vida do paciente, integrando passado, presente e projeções para o futuro, permitindo perceber a inserção deste na sua família e a influência das gerações passadas neste núcleo e no próprio.

Por meio destes dados, torna-se possível o levantamento de hipóteses sobre a etiologia do caso em estudo, o que permitirá a elaboração do diagnóstico.

Portanto, trata-se de uma entrevista realizada com os responsáveis do aprendente, seu conteúdo é elaborado de forma crítica, tem-se por objetivo trazer à memória momentos e fatos de extrema importância para a análise do psicopedagogo, auxiliar no entendimento e na identificação de causas dos problemas de aprendizagem.

“Serão levantados dados das primeiras aprendizagens, evolução geral do sujeito, história clínica, história da família nuclear, história das famílias materna e paterna e história escolar” (MORAES, 2010, p. 10).

A *anamnese* do caso em estudo foi realizada no dia 20 de setembro de 2011 com a tia, pessoa responsável por R.M.S., 4 anos e 9 meses, aluna do C.E.I.B.S.M., a mesma queixava-se da dificuldade de aprendizagem apresentada pela sobrinha, a qual apresentava desatenção, inquietude e principalmente desinteresse pelas atividades escolares.

Durante a entrevista, a tia relatou que os pais de R.M.S. são pessoas de pouco estudo, baixo poder aquisitivo, separados e possuem filhos de outros relacionamentos. O pai de R.M.S. têm mais 1 (uma) filha com outra mulher e a mãe tem mais 3 (três) filhos, sendo 2 meninos e 1 menina.

Segundo a tia, a menina tem apresentado problemas de aprendizagem desde a mudança da escola antiga para a escola em que se encontra agora, motivo pelo qual tem se preocupado e procurou ajuda da

escola para que fosse encaminhada a um especialista.

A tia juntamente com sua família, nos dias atuais, procura compensar afetiva e principalmente materialmente a falta que a mãe fez à menina quando esta era menor.

Por meio da *anamnese*, pode-se perceber e identificar as possíveis causas dos descompassos de aprendizagem apresentados por R.M.S., as quais foram de extrema importância para a análise psicopedagógica.

No caso R.M.S., parece haver prejuízos proporcionados por uma deficiência na proto-aprendizagem, ou seja, as primeiras aprendizagens que deveriam ocorrer nas relações afetivas da criança com sua mãe não aconteceram, pois ao ser abandonada pela mãe, seu mundo externo que até então se reduzia a figura materna, deixa de existir. Pode-se verificar a carência de R.M.S., quando a mesma insiste em desenhar corações defeituosos do lado esquerdo, lado este que representa a ausência da mãe e também durante os contatos, nas demonstrações de carinho (abraços e beijos), os quais ocorreram praticamente em todas as sessões.

### 3.4 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (E.O.C.A.)

Jorge Visca é o idealizador da Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), um instrumento que avalia por meio de entrevista a aprendizagem (BOSSA, 2007).

Segundo Visca (1987, p.72),

durante a E.O.C.A. o psicopedagogo observa no sujeito seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesas, ansiedades, expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc, permitindo que ele construa a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental.

Solicita-se ao sujeito que mostre ao entrevistador o que ele sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer, utilizando-se de materiais, os quais variam de acordo com a escolaridade e com a idade do aprendente, após a seguinte observação do entrevistador: “Este material é



para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você” (VISCA, 1987, p. 72).

R.M.S. ouviu a consigna atentamente, demonstrou ter compreendido, mas somente iniciou a E.O.C.A. após direcionar seu olhar até mim como se estivesse esperando novamente minha autorização. Em seguida retirou todos os objetos da caixa, um a um, nomeando-os e colocando-os de forma organizada do lado de fora da caixa. Enquanto retirava os objetos, mencionou que os utilizava em casa.

Olhou para todos os materiais e pegou um giz de cera rosa claro e começou a desenhar, observou que o mesmo havia ficado muito claro, então pegou um mais escuro. Fez um quadrado na folha e disse que era igual ao da caixa de giz de cera, colocou-os lado a lado e me mostrou a comparação.

Depois escreveu dentro do quadrado, disse que foi o irmão que lhe ensinou a escrever, tentou abrir uma canetinha, perguntou onde abria, mostrei-lhe e em seguida conseguiu abri-la. O mesmo fez com o brocal, perguntou se podia pintar com ele, respondi que sim, então R.M.S., pegou a cola e colocou a ponta dentro da embalagem de brocal, retirou uma quantidade e espalhou pela folha.

R.M.S.: Meu desenho está bonito?

E: Sim, está muito bonito e brilhando!

Mencionou novamente que faz esse tipo de atividade em casa. Depois perguntou pelo pincel, respondi que estava debaixo da caixa, ela procurou e o achou, disse então que pintaria com a tinta e perguntou se podia ser em outro papel, respondi que sim.

R.M.S.: Vou fazer bolinhas.

Pegou uma das latas de tinta e conseguiu abrir sozinha sem pedir ajuda, logo após pegou o pincel e colocou dentro da lata de tinta, foi pingando a tinta sobre o papel em forma de bolinhas.

Ao terminar a pintura, R.M.S. preocupou-se com a organização e limpeza dos materiais.

R.M.S.: Vou fechar a tinta porque se não vai sujar o chão.

R.M.S.: Onde coloco o pincel?

E: Pode colocar no cantinho da caixa, separado dos outros materiais.

Colocou a lata de tinta e o pincel em um lugar separado, como se estivesse organizando.

R.M.S.: Vou brincar com a massinha!

Pegou a lata de massinha e tentou abrir, mas o lacre não saiu facilmente e me pediu ajuda para abrir. Enquanto estava abrindo a lata de massinha, R.M.S. contou que na igreja do pai teve festa no dia anterior e que ela havia brincado.

Neste momento, percebeu que o lápis preto estava sem ponta.

R.M.S.: Olha o lápis “tá” sem ponta, vou apontar! Se “tiver” outros sem ponta, vou apontar!

E: Tudo bem pode apontá-los.

Estava preocupada com a sujeira proveniente do apontador, procurou uma lixeira e jogou o lixo nela. Ao retornar, pegou a régua, mas logo se lembrou da massinha e começou a manuseá-la.

R.M.S.: É grande!

Por alguns minutos amassou a massinha, depois pegou a borracha e tentou apagar um rabisco do desenho que havia feito com canetinha.

R.M.S.: Não apaga!

Depois de perceber que a canetinha não podia ser apagada pela borracha, voltou a rabiscar e a escrever no primeiro desenho.

R.M.S.: Essa canetinha tem duas pontas. Posso desenhar um coração?

E: Pode sim.

R.M.S.: É bonito?

E: Sim, é lindo!

Observou que havia desenhado um coração com a canetinha azul e procurou a vermelha para contornar o coração da cor certa segundo ela. Depois de pintar o coração com a canetinha vermelha, voltou a mexer com a massinha. Enrolou a massinha no chão.

R.M.S.: Você sabe o que é isso?

E: Não, o que é?

R.M.S.: É uma pulseira.

Percebi que R.M.S. é criativa, pois fez um círculo com a massinha e colocou no braço dizendo que era uma pulseira.

R.M.S.: Você sabe onde é minha casa?

E: Não, eu não sei.

R.M.S.: Ela é vermelha e já te falei onde é minha casa, você não lembra?

E: Ah, é verdade, você já tinha me falado.

R.M.S.: Vou lavar a mão!

Após lavar as mãos, retornou e disse que faria um colar grandão, mediu o colar no tamanho do pescoço e percebeu que tinha que ser um pouco maior, depois o colocou no pescoço e ele quebrou, voltou a amassar a massinha.

R.M.S.: Você sabe o que estou fazendo? Imagina o que é isto?

E: Não, o que é?

R.M.S.: É um bolo de chocolate, parece?

E: Sim, parece.

R.M.S.: Vou fazer uma mão.

Pegou a tinta, o pincel e pintou sua mão e a carimbou sobre a folha.

Neste momento disse a R.M.S. que faltavam apenas dez minutos para acabarmos e que ela deveria guardar todo o material dentro da caixa. Ela iniciou dobrando os desenhos que havia feito e guardou-os dentro da caixa, em seguida, fechou a lata de tinta, guardou o giz de cera dentro da caixa original e depois na caixa grande e guardou a cola e a lata de tinta em pé para não derramarem.

R.M.S.: Essas coisas são minhas?

E: Não, são minhas, pra você poder fazer algumas atividades comigo.

Colocou a massinha dentro da latinha, apertou até que a mesma coubesse dentro da lata. Preocupou-se em colocar algumas coisas de pé para não derramarem. Demonstrou ser organizada ao guardar os materiais dentro da caixa. Tentou fechar a caixa, percebeu que a lata de tinta e a cola

estavam atrapalhando por estarem de pé, então, as colocou deitadas e fechou a caixa.

R.M.S.: Posso te ajudar a levar?

E: Claro, pode sim, muito obrigada!

Ao iniciar a atividade ofereci como material: borracha, lápis sem ponta, apontador, canetinhas, giz de cera de diversas cores, lápis de cor, régua, cola, tesoura, papel A4, revistas para recorte, tinta guache, brocal e massa para modelar.

Os materiais utilizados por ela foram: canetinhas, cola, giz de cera, lápis de cor, brocal, massa para modelar, tinta guache e papel A4.

Fez o teste sempre explicando o que estava fazendo, nomeando os objetos e pedindo minha opinião.

Percebe-se por meio da execução desta atividade, que R.M.S. demonstra ser uma criança pouco organizada quanto ao pensamento, pois por diversas vezes trocou de objeto e não se concentrou em apenas um. Aparenta ter maturidade compatível com sua faixa etária, ser uma criança criativa, afetiva, e que brinca de faz de conta como a maioria das crianças da sua idade.

Quanto à dinâmica, que é expressa através da postura corporal, gestos, tom de voz, modo de sentar, e manipular os objetos, R.M.S. comportou-se dentro do esperado. Em relação ao produto feito pelo paciente, o desenho, foi possível constatar que R.M.S. encontra-se pouco abaixo do nível pedagógico esperado.

### 3.5 OBSERVAÇÃO DA ALUNA FORA DA SALA DE AULA

Atividades lúdicas são de extrema importância para o desenvolvimento das potencialidades humanas das crianças, pois proporcionam condições adequadas ao seu desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo, e social. Ao praticá-las, a “criança se expressa, assimila conhecimentos, constrói a sua realidade, supre suas necessidades biopsicossociais e desenvolve suas competências” (MALUF, 2008).

De acordo com Winnicott (1975, p. 80), “é no brincar e somente no brincar que o indivíduo pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral. E é somente no brincar que o indivíduo descobre o eu para poder aprender”.

Assim, ao participar de atividades lúdicas, “a criança adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, que gera um forte interesse em aprender e garante o prazer” (MALUF, 2008).

Ao observar R.M.S. durante uma atividade lúdica em grupo fora da sala de aula, percebe-se que a mesma participa da proposta, seguindo as ordens e regras da dinâmica, interage com os colegas e professores de outras salas, brinca naturalmente, não apresentando dificuldade em se relacionar e demonstra estar feliz em participar da brincadeira.

### 3.6 PAREJA EDUCATIVA

O Teste *Pareja Educativa* como modalidade de exploração diagnóstica do vínculo professor- aluno constitui um instrumento útil para a obtenção das projeções da criança sobre ela própria e o professor, onde a criança expressa através do desenho, sentimentos pensamentos e reações com relação ao mundo que a rodeia.

A criança também utiliza o desenho para comunicar-se. Através dele, transmite a sua experiência subjetiva e o que está ativo em sua mente, registrando aquilo que é significativo para ela. Todo ser humano externaliza seus conflitos, suas emoções, entre tantos outros sentimentos, de uma maneira particular (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2004, p.2).

Nesta técnica o intuito é verificar a relação existente entre sujeito e o processo de aprendizagem, ensinante e os elementos escolares, percebendo assim o que a criança realmente vive e sente no âmbito escolar e quais são seus receios (FERNÁNDEZ, 1991).

Tem por finalidade o levantamento de informações, as quais serão interpretadas em seus aspectos latentes e manifestos. Por meio desta técnica, pode-se ainda:

- Verificar o vínculo que a criança estabelece com a aprendizagem por meio da leitura da relação vincular do ser que ensina com o ser que aprende;
- Analisar a produção gráfica e o relato nos seus aspectos afetivos, cognitivos e motores;
- Efetuar uma análise de relato verbal e do grafismo do sujeito, buscando estabelecer uma correlação entre os mesmos, verificando se há um vínculo parcial, ausente ou afetivo.

Foi solicitado a R.M.S. que desenhasse duas pessoas, demonstrando no desenho a que ensinava e a que aprendia. Foi entregue a ela um lápis com ponta, uma borracha, uma folha de papel A4 e giz de cera.

A criança realizou o desenho de forma tranquila, mantendo uma postura bastante confortável. Pegou o giz de cera corretamente, realizando a atividade solicitada em aproximadamente 45 minutos.

R.M.S. iniciou seu desenho dizendo que desenharia a “Tia” V. “ensinando ela”, em seguida desenharia ela mesma. Ao desenhar a professora mencionou o braço da mesma, o qual era grande, desproporcional para o corpo, falou também do cabelo, que era curto.

Quando terminou de desenhar a professora, começou o desenho dela mesma, bem distante da professora e maior. Após concluir sua figura disse que desenharia um giz, fez um rabisco e em seguida um quadrado. Finalizou o desenho com algumas letras do seu nome, muitos rabiscos e colorindo o mesmo.

Em seguida foi pedido a ela que desse um título, o nome das pessoas que havia desenhado, a idade das mesmas, relatasse o que havia desenhado e o que acontecia no desenho. Ela nomeou seu desenho de “MNABCDEFGHIYDIJKIYEUDKR”, ao mencionar a letra “R” disse que era “R” de Rato.

Em seu relato, R.M.S. descreveu todo o desenho, mencionou que a professora estava passando tarefa para os meninos e que ela estava no banheiro tomando banho, voltava em seguida e penteava o cabelo.

Percebe-se, na cena representada por R.M.S. certo distanciamento entre ensinante e aprendente, demonstra um vínculo confuso à medida que não faz distinção entre elas e as coloca na mesma faixa etária. Observa-se ainda, que ao desenhar a professora com um braço grande e aberto, possivelmente indicando uma atitude de receptividade ou de afastamento, R.M.S. parece demonstrar uma projeção da falta de afetividade e envolvimento dela com a figura da professora.

Ao desenhar a professora menor, com apenas um dos braços abertos e com um tracejado mais fraco, R.M.S. pode ainda estar demonstrando um sentimento de superioridade em relação à professora e a inexistência de uma relação mediadora do conhecimento entre professor-aluno.

Em seu relato, percebe-se que a mesma não se enquadra no perfil da sala, pois ao mencionar que a professora estava passando tarefa para os “meninos” e pra ela não, pois a mesma se encontrava no banheiro, R.M.S. transparece o que acontece diariamente em sua sala, ela não faz parte daquele meio, encontra-se fora dele ou simplesmente sua existência não é perceptível naquele universo.

Portanto, pode-se concluir que R.M.S. apresenta estruturas de pensamento compatíveis com sua idade, porém, há uma barreira entre ela e o conhecimento, como também com a professora, o que caracteriza sua problemática como sendo de ordem afetiva. Nesse caso, a professora de R.M.S. poderia auxiliá-la na superação desta barreira, utilizando em sua metodologia atividades mais prazerosas como jogos, músicas, dança entre outras levando assim a aluna a construir o conhecimento.

### 3.7 DIA DOS MEUS *CUMPLEAÑOS*

Ao iniciar o teste dos “*Meus Cumpleaños*”, solicitou-se a R.M.S. que fizesse um desenho sobre o dia do seu aniversário.

Antes de iniciar seu desenho, R.M.S. disse que seu aniversário era em setembro.

R.M.S.: Posso escrever setembro?

E: Pode. Você sabe escrever Setembro?

R.M.S.: “Ahan”, sei.

Em seguida, ela rabiscou algumas letras, como se aqueles rabiscos fossem as letras da palavra “setembro”. Em sua imaginação, aqueles rabiscos eram sim as letras referentes ao mês de seu aniversário. Ao rabiscar disse que havia errado e que apagaria para corrigir o erro.

Quando terminou o rabisco, perguntou:

R.M.S.: Posso fazer os “balão”?

E no mesmo instante começou a desenhar um balão.

E: Isso é um balão?

R.M.S.: É!

R.M.S.: Amanhã vai ter uma festa!

E: Onde vai ter uma festa?

R.M.S.: Na minha igreja.

R.M.S.:pronto!

E: Terminou?

R.M.S.: Agora só falta a minha casa.

Pegou um giz vermelho começou a pintar a casa do lado de fora.

E: Isso é um balão?

R.M.S.: É, estourou tudo!

Neste momento ela já havia terminado o desenho, apenas rabiscava de vermelho a parte do desenho referente à sua casa. Então lhe perguntei se essa era sua festa de aniversário e balançando a cabeça respondeu-me que sim. Questionei-lhe onde estaria a aniversariante, foi quando fez cara de surpreendida, deu uma risadinha e começou a desenhá-la.

R.M.S.: Olha meu bracinho!

E: Por que ele é pequeno?

R.M.S.: Porque eu era bebezinha.

E: Ah, sua festa foi quando você era bem pequena?

R.M.S.: Ahan.

Em seu desenho, R.M.S., também não desenhou um bolo de aniversário. Perguntei a ela:



E: Cadê o bolo do seu aniversário?

R.M.S.: Não tem!

E: Por quê?

R.M.S.: Porque eu não sei desenhar bolo!

Mas logo após concluir sua fala, desenhou um bolo com uma vela em cima. Disse que tinha fogo. Perguntei a ela o que era aquilo em cima do bolo e ela tentou buscar uma palavra para representar a vela, mas não nomeou, então perguntei se era uma vela, ela confirmou que sim.

Neste momento, perguntei:

E: Cadê sua família na sua festa de aniversário?

Então R.M.S., começou a desenhar os integrantes de sua família. Mencionou que faltavam algumas pessoas e as desenhou.

Desenhou a mãe e em seguida a rabiscou toda. Disse que a desenharia no verso da folha.

Fez o desenho de alguns membros de sua família no verso da folha e um amiguinho de sua sala, nomeou-os e concluiu seu desenho.

Percebe-se por meio deste teste que R.M.S. se sente isolada e que ainda não sabe quem é, pois não a desenhou durante a festa, que parecia não ser para ela.

Observei ainda que em sua festa de aniversário não havia uma mesa com um bolo, comum nas festas de aniversário, ou seja, em seu desenho, R.M.S. demonstrou apenas a realidade de sua família, o que segundo Perondi (2001) apud (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2004, p.8) pode ter sido “inspirado por acontecimentos próximos ou por circunstâncias similares as experiências já vividas” por ela.

### 3.8 OS QUATRO MOMENTOS DA CRIANÇA

O desenho do dia-a-dia torna-se relevante, quando o consideramos como um dos meios mais expressivos, no qual a criança demonstra seus pensamentos e sentimentos. Uma vez que o rabiscar, o desenhar e o escrever não são simples atos mecânicos e isolados (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2004).

Foi solicitado a R.M.S. que desenhasse quatro momentos do seu dia, considerando a hora que levanta como início e a hora que deita como final, com o intuito de se investigar os vínculos ao longo de uma jornada.

No 1º Momento R.M.S. perguntou se podia desenhar sua cama. Afirmei que sim. Então, em seguida fez um desenho na folha, o qual segundo ela representava sua cama.

Perguntou se podia escrever, respondi que sim. Então ela começou a rabiscar o desenho.

E: Na sua cama tem escrito?

R.M.S.: Sim.

E: Quem escreveu?

R.M.S.: Eu e meu pai.

E: O que você faz nessa cama?

R.M.S.: Durmo, fico quietinha e brinco.

Concluiu a primeira parte do desenho muito rápido e pediu pra desenhar do outro lado da folha, então, autorizei a conclusão do desenho no verso da folha.

Começou a desenhá-la e perguntou se podia fazer uma orelha. Disse a ela que sim.

R.M.S.: É porque eu tenho uma orelha mesmo (mostrou a orelha).

E: Quem é essa?

R.M.S.: Eu!

E: O que você está fazendo?

R.M.S.: Tô pintando.

E: Onde você está?

R.M.S.: Lá em casa.

E: O que você está pintando?

R.M.S.: Coração.

E: Você gosta de coração?

R.M.S.: Gosto.

E: E o que é o coração?

R.M.S.: “Amores”!

Neste momento R.M.S. deu um sorriso, então perguntei a ela sobre o desenho.

E: Ah, então amores é de namorado? Você namora?

R.M.S.: Não! Eu não! Sou criança!

E: Ah, então criança não namora?

R.M.S.: Não, só gente grande.

Neste momento finalizou a segunda parte do desenho e disse que havia terminado, perguntei onde estavam os outros dois momentos do seu dia, então R.M.S. me respondeu que só fazia isso durante o dia. Desenhou apenas dois momentos e não quis mais desenhar.

### 3.9 PROVAS OPERACIONAIS DE PIAGET

Segundo Weiss(2003)

As provas operatórias têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera (2003, p.106).

Para interpretação das condutas da aprendente, é relevante que o psicopedagogo faça registros detalhados dos procedimentos da criança, observando e anotando suas falas, atitudes, solução que dá às questões, seus argumentos, juízos e como organiza o material. No caso R.M.S. foram aplicados os seguintes testes:

- Conservação da Quantidade de Matéria (Quantidade Contínua).

Foi entregue a R.M.S. duas massas plásticas de cores diferentes, solicitando que fizesse duas bolas com a mesma quantidade de massa. Questionou-se:

(E) Se fossem bolinhos e pudéssemos comê-los, será que iríamos comer a mesma quantidade?

R.M.S.: Sim, vamos!

E: Por quê? Como você sabe?

R.M.S.: É igual. É do mesmo tamanho, olha! Se colocar assim (longe) é do mesmo tamanho, é do mesmo tamanho se colocar (perto). Olha! Vai ficar do mesmo tamanho.

Durante o teste, R.M.S. mexeu com as bolinhas várias vezes, como se as colocasse em comparação.

Na primeira transformação foi feita uma salsicha com uma das bolas. A ela foi perguntado:

(E) Será que agora tem a mesma quantidade de massa na bola e na salsicha?

(R.M.S.) Sim.

(E) Como você sabe? Como você descobriu?

(R.S.S.) Se eu fizer outra, olha aqui!

Fez outra salsicha tentando me explicar que se fizesse uma salsicha com a outra massinha, teria o mesmo tanto, a mesma quantidade, mas não me explicou sobre o bolinho.

Foi realizada, então, a contra-argumentação (explicando que eram do mesmo tamanho, que na salsicha e no bolinho tem a mesma quantidade de massinha), ela se mostrou irritada, não quis responder, disse que não sabia.

Por meio desta atitude, pode-se perceber a intolerância de R.M.S. a frustração, demonstra ser uma criança que não gosta de ser contrariada, não aceita a opinião do outro, não gosta de estar errada ou de ser corrigida. Neste momento a sessão foi encerrada, pois R.M.S. não queria mais se manifestar espontaneamente, o que poderia trazer prejuízos para a relação de confiança conquistada durante as sessões anteriores.

Outra tentativa foi realizada em outro dia, mas R.M.S. parecia ter se lembrado da experiência anterior e relutou em participar desta atividade, disse que não queria brincar com massinha, que não gostava de massinha e que queria pintar.

Deste modo, pode-se concluir que ao fazer o retorno empírico, R.M.S. percebeu que tinha a mesma quantidade de massinha nas duas

transformações realizadas, porém, nota-se que ela ficou presa na forma (resultado final) e não na transformação da bola para a salsicha.

Suas justificativas foram pouco explícitas e incompletas, condizentes com a capacidade de uma criança de nível pré-operacional, a qual possui condutas não-conservativas (Nível 1), pois não foi capaz de “compreender que as alterações da forma não causam alterações da quantidade, do peso ou do volume” (GOULART, 1996, p.82).

- Conservação do Comprimento.

Apresentou-se a R.M.S. dois barbantes de tamanhos diferentes, onde ela pode constatar e afirmar a desigualdade dos fios.

Brincando com a criança, dizendo que duas formiguinhas iriam fazer um passeio, uma em cada estrada, ou seja, A (15cm) e B (10cm), questionei:

(E) Será que as duas formiguinhas vão andar a mesma distância?

(R.M.S.) Ahan, vai.

Perguntei novamente a ela se as formiguinhas tivessem que subir pelo barbante, qual delas se cansaria mais?

R.M.S. alterou sua resposta, disse que o barbante A era muito maior que o B e que se cortasse o A ficariam iguais.

Foram feitas curvas no fio A (15 cm), de modo que ficasse diferente do fio B (10cm).

A resposta de R.M.S. quanto ao percurso que as formiguinhas iriam fazer foi à seguinte:

(R.M.S.): A formiguinha “A” vai andar mais que a B.

Observei que ela apresentou um pouco de dificuldade em compreender a conservação do comprimento, mostrando julgamento ora correto ora incorreto, não compreendendo a segunda transformação. Nesse caso, a criança apresenta condutas não conservativas para o comprimento (nível 1), ou seja, suas respostas são instáveis e geralmente são modificadas com a contra-argumentação.

- Conservação das Quantidades de Líquidos (Transvasamento)

Para a realização deste teste, foi mostrado a R.M.S. dois vidros iguais (controle A e  $A_1$ ) de diâmetro de aproximadamente 5cm e altura de 8 cm. R.M.S. constatou que os dois recipientes eram iguais. Despejando a água em A foi solicitado que a criança despejasse água em  $A_1$ , na mesma quantidade. Ao despejar, ela percebeu que havia colocado mais água em seu vidro, então devolveu um pouco do líquido e comparou os dois recipientes constatando que estavam iguais.

A seguir foi perguntado a R.M.S.:

(E) Se você beber o que está em  $A_1$  e eu o que está em A, será que vamos beber a mesma coisa?

(R.S.S.) Sim.

Perguntei como ela sabia disto.

R.M.S.: é porque essa parte aqui é igualzinha, olha aqui (colocou lado a lado).

Comparou o volume dos recipientes e disse que tinha o mesmo tanto.

No segundo transvasamento foram utilizados dois vidros, A e E (estreito e mais alto que A), despejou-se a água de A no vidro E, e questionou-se:

(E) Será que agora vamos beber o mesmo tanto?

(R.S.S.) sim

(E) Como é que você sabe? Como descobriu?

Não conseguiu me explicar.

Ao apresentar a contra-argumentação, R.M.S. parecia que ainda não tinha entendido.

No terceiro transvasamento, onde foi apresentado um vidro A e um L (mais baixo e mais largo que A), despejou-se a água de A em L. questionou-se:

(E) E agora, será que vamos beber a mesma quantidade de água?

(R.S.S.) Não

(E) Por que e como você sabe?

(R.S.S.) Esse copo “tá” faltando água.

Mostrou que o copo continha menos água e que precisava ser completado.

Em seguida, foi apresentada a contra-argumentação e o retorno empírico, seu julgamento permaneceu o mesmo, com a ideia de que no vidro L faltava água.

No quarto transvasamento, o líquido foi despejado de A em quatro vidrinhos: P<sub>1</sub>, P<sub>2</sub>, P<sub>3</sub>, P<sub>4</sub>. R.M.S. não conseguiu justificar o fato de que nos quatro vidrinhos continham a mesma quantidade de líquido que no vidro A, suas explicações foram incompletas e pouco claras. Tentou por várias vezes colocar o mesmo tanto de líquido nos quatro vidrinhos, mas não conseguiu.

Nota-se, então, que R.M.S. observou somente o resultado final que é a água nos vidros (A, A<sub>1</sub>, E, L, P<sub>1</sub>, P<sub>2</sub>, P<sub>3</sub>, P<sub>4</sub>,) desprezando, assim, a transformação observada, ou seja, o derramar da água. Com a contra-argumentação permaneceu em seu julgamento, o qual era bastante incompleto e confuso.

R.M.S. apresenta conduta não-conservativa, nível 1, com julgamento oscilante, pois durante a realização do terceiro transvasamento, ela considerou que no vidro L faltava líquido e que precisaria ser completado, permanecendo em sua resposta após a contra-argumentação.

Ao término da realização das provas operacionais, percebe-se, que em quase todas as provas aplicadas, R.M.S. apresenta ainda condutas não-conservativas, oscilando entre conservação e não conservação.

### 3.10 VERIFICAÇÃO DA SUPERAÇÃO OU NÃO DO REALISMO NOMINAL

Piaget chamou de Realismo Nominal o fenômeno em que a criança em um determinado estágio do seu desenvolvimento cognitivo não consegue conceber a palavra e o objeto a que esta se refere, como duas realidades distintas.

Ao iniciar o teste, foi solicitado a R.M.S. que falasse uma palavra pequena, ela disse que não sabia, então, foi perguntado novamente e ela respondeu o mesmo.

E: Você não conhece nenhuma palavra pequena?

R.M.S.: Não, minha mamãe não ensina.

Uma nova tentativa foi realizada, mas agora foi pedido a R.M.S. que falasse uma palavra grande, então ela disse que a letra “S” era uma palavra grande, desenhou a letra no ar, demonstrando que a sinuosidade da letra “S” era grande.

Dando continuidade ao teste, mostrei a R.M.S. duas palavras, BOI e FORMIGA, em seguida perguntei a ela qual palavra era maior, BOI ou FORMIGA?

R.M.S.: Boi é uma palavra grande! E formiga também é grande.

Neste momento, fiz a contra-argumentação, soletrando sílaba por sílaba e pedindo a ela que contasse quantas vezes minha boca se abria ao falar a palavra BOI e a palavra FORMIGA.

R.M.S. modificou sua resposta e disse que o BOI era grande e que menor era a formiga, parecia ter relacionado à palavra ao tamanho do animal, então, em seguida, mostrei a ela duas ilustrações, de um BOI e de uma FORMIGA. Solicitei a ela que apontasse para o animal maior e para o menor, R.M.S. apontou como sendo o animal maior o BOI e a FORMIGA como sendo o menor.

Portanto, R.M.S. mostrou-se abaixo do esperado para uma criança de sua idade, pois, ao responder que a palavra maior era BOI e não a palavra FORMIGA, ela atribuiu a palavra escrita as mesmas características do objeto, ou seja, R.M.S. ainda não entende a escrita como uma forma de representação, a qual possui características próprias e independentes do objeto que representa.

### 3.11 A HORA DO JOGO DIAGNÓSTICA



A Hora do Jogo Diagnóstica é um instrumento utilizado no processo psicodiagnóstico desenvolvido por Sara Pain (1985) que objetiva conhecer a realidade do paciente, quando este é uma criança. Pois, a atividade lúdica é para a criança um meio de comunicação semelhante à expressão verbal, nos adultos.

A atividade lúdica inclui os três aspectos da função semiótica que, desde o ponto de vista evolutivo, começa aos dois anos de idade, uma vez construindo o mundo prático, são eles, o jogo, a imitação e a linguagem. O jogo é uma atividade predominantemente assimilativa, através da qual o sujeito alude a um objeto, propriedade ou ação ausente, através de um objeto presente que constitui o símbolo do primeiro e guarda com ele uma relação motivada (PAIN, 1985, p.18).

Neste sentido, cada Hora do Jogo Diagnóstica é uma experiência nova que deve ser realizada em ambiente espaçoso. Desenvolve-se a seguinte consigna:

(E) Dentro desta caixa tem muitos materiais (brinquedos), onde você pode brincar como quiser. Enquanto você vai brincando, anotarei o que está fazendo.

Para análise, consideram-se alguns indicadores mais importantes para o diagnóstico: a escolha dos brinquedos, modalidade das brincadeiras, personificação, motricidade, criatividade, tolerância à frustração, capacidade simbólica e adequação à realidade.

Foram escolhidos para a caixa lúdica brinquedos que fazem parte da vivência de R.M.S., tais como: fogão, mesinha com cadeiras, armário, pia de lavar louça, alguns alimentos, panelinhas, liquidificador, talheres, jarra, pratos, copos, produtos de beleza (perfume, esmalte, batom, prancha de cabelo, secador de cabelo, pentes, escovas), um carrinho de bebê, mamadeiras, um boneco (representando o pai), uma boneca (representando a mãe), uma bonequinha (representando ela), um automóvel, alguns animais, bonequinhas pequenas, uma corda, dinheirinho de brinquedo, bolas e um celular de brinquedo.

R.M.S. demonstrou-se entusiasmada ao ver a caixa, aproximou-se da mesma, abriu e foi retirando os brinquedos. Demonstrou suas preferências

ao escolher os brinquedos, concentrou-se por mais tempo naqueles que possui maior familiaridade como, por exemplo, os produtos de beleza.

Na modalidade das brincadeiras, R.M.S. organizou sua maneira de brincar da seguinte forma: interessou-se como já era previsto, pelos itens de beleza, mas iniciou a brincadeira com as panelas, fogões, talheres, pratos e alimentos. Dramatizou a preparação de um lanche, onde a cozinheira era ela.

Quanto à personificação, R.M.S. assumiu alguns papéis, dentre eles: mãe de uma das bonecas, cozinheira e cabeleireira. Expressou suas fantasias por meio desta atividade simbólica.

Quanto à motricidade, observou-se em R.M.S., uma adequação motora à etapa de sua evolução, deslocou-se várias vezes, apesar de ter ficado sentada na maioria do tempo.

Mesmo sentada, alternava os membros, jogando o corpo de um lado para outro para pegar os objetos dentro da caixa, às vezes permanecia em pé, se locomovendo. Percebi que falta ainda um pouco de equilíbrio e coordenação nas suas atividades motoras ao brincar de pular corda.

R.M.S. demonstrou criatividade, nota-se pouca timidez, pois durante o jogo estava falante e alegre. Percebi ainda que R.M.S. sente prazer enorme ao brincar e principalmente em cantar, sente-se bem sucedida ao realizar essas tarefas, pois através delas, extravasa sua realidade.

Durante a execução de A Hora do Jogo, R.M.S. solicitou minha participação em algumas dramatizações, foi desempenhado por parte da entrevistadora um papel passivo, para que não houvesse interferências durante as brincadeiras, pois, objetiva-se com este trabalho compreender e contribuir para o processo de aprendizagem da aprendente.

#### Aplicação de A Hora do Jogo

E: Hoje vamos fazer uma atividade diferente. Aquela caixa ali contém vários objetos e você vai utilizá-la da forma que quiser. Pode brincar com tudo o que há na caixa e estarei aqui do seu lado apenas lhe observando, está bem?

R.M.S. : Está bem!

Iniciou retirando alguns itens da caixa. Pegou primeiramente uma bolsinha e em seguida um batom. Olhou dentro da caixa e interessou-se como já era previsto pelos objetos de beleza.

Em seguida, retirou da caixa uma corda.

R.M.S. : Eu sei pular corda, quer ver?

E: Sim, quero.

Por alguns instantes pulou corda e voltou-se para a caixa. Interessou-se por uma mamadeira, perguntei a ela se já havia mamado na mamadeira, ela disse que já, quando era bebê e que agora não mamava mais.

Logo depois, disse que ia tirar todas as coisas da caixa, ia esparramar tudo. Ao esparramar os objetos contidos na caixa, encontrou algumas cédulas de dinheiro.

R.M.S. : Hem! Dinheiro! Vou levar pra minha casa!

E: Você vai levar pra sua casa pra fazer o que?

R.M.S. : Pra comprar balinha e chiclete.

Depois observou que na caixa havia algumas bolas, disse que não gostava de brincar com bola.

E: Por que você não gosta de brincar com bola?

R.M.S. : Bola é de homem!

E: Então bola é brinquedo de homem? Mostra-me um brinquedo de mulher?

Continuou retirando os objetos e em seguida mostrou-me um esmalte, pintou sua unha e também a de uma boneca. Depois pegou mais alguns itens de beleza, mas os deixou de lado e partiu para os brinquedos da cozinha.

Pegou mesinha, cadeiras, fogão, armário, uma pia, algumas panelinhas, liquidificador, copos, talheres e alimentos. Montou uma cozinha com todos aqueles itens.

R.M.S. : É igual lá em casa!

Então, perguntei o que ela fazia na cozinha, respondeu-me que fazia tudo.

E: Tudo? Até dormir na cozinha?

R.M.S. : Não, a gente cozinha e come.

E: A gente quem?

R.M.S. : Meu pai, minha mãe, meu irmão e eu.

Pegou o liquidificador e perguntou se eu queria um suco, respondi que sim. Fez de conta que estava preparando um suco e me entregou um copo dizendo que era suco de morango.

E: Está gelado?

R.M.S. : Não.

Então, pedi a ela que colocasse gelo. Inventou um lugar que tinha gelo e colocou no meu suco, me entregou e simulei que estava bebendo.

E: Hum, está gostoso.

Depois ela fez abacaxi frito e milho pra gente comer.

Foi neste momento que começou a cantarolar músicas evangélicas. Perguntei se ela gostava deste tipo de música, respondeu que sim e que gostava de ir à igreja de seu pai.

Em seguida, pegou uma boneca e começou a dar mamadeira pra ela.

E: Quem é essa boneca?

R.M.S. : É a Luisa.

E: O que ela faz?

R.M.S. : Brinca.

E: Brinca muito?

R.M.S. : Sim.

E: E onde ela brinca?

R.M.S. : Na escola.

E: Quantos anos a Luisa tem?

R.M.S. : Dois anos.

E: A Luisa tem mãe?

R.M.S. : Tem, eu!

E: Ah, você é a mãe da Luisa?

R.M.S. : Ahan.

E: O que você está fazendo com a Luisa?

R.M.S. : Tudo! Eu faço tudo pra Luisa.

E: A Luisa estuda?

R.M.S. : Ahan! Lá perto da sua casa.

E: Mas lá perto da minha casa não tem escola.

R.M.S. : É só de mentirinha, a gente tá brincando, esqueceu?

E: Ah, é mesmo. É de faz de conta né?

R.M.S. : Ahan.

Dando continuidade a brincadeira, R.M.S. pegou uma prancha de cabelo e começou a passar na boneca (Luisa) e depois me perguntou se podia passar em mim, respondi que sim, então ela passou prancha em meu cabelo por alguns minutos e também utilizou o secador para secá-lo.

Neste momento perguntei se ela trabalhava em um salão, ela disse que trabalhava de cachorro (sua mãe possui uma loja que cuida de animais).

E: Você corta e escova o cabelo deles?

R.M.S. : Ahan, eu passo a escova e prancha, cortar não, é só gente grande!

E: Quem te ensinou a fazer isso?

R.M.S. : Minha mãe.

Na sequência, comentou que minha blusa era linda, retribui o elogio dizendo que a dela também era. Ela disse que havia ganhado na escola.

Depois que passou prancha em meu cabelo, R.M.S. pegou um celular e disse que alguém estava me ligando. Atendi e disse que era a mãe dela querendo falar com ela.

R.M.S. : Oi, estou brincando com um monte de brinquedo, não vou embora agora só depois, mais tarde.

Despediu-se de sua mãe e terminou de arrumar meu cabelo.

E: Quanto você vai cobrar por ter passado prancha em meu cabelo?

R.M.S. : Cinco reais.

Então, pedi a ela que pegasse uma nota de R\$5,00 no dinheirinho que ela tinha visto anteriormente. Procurou, pegou a nota e me entregou. Simulei o pagamento pelo serviço prestado e perguntei se estava pronto e se podia ir embora, respondeu-me que sim.

Neste momento disse a ela que restavam apenas dez minutos e que teríamos que organizar e guardar os brinquedos. Ela disse que ainda não tinha brincado com todos.

E: Então aproveita os últimos cinco minutos porque depois temos que guardá-los está bem?

R.M.S. : Ahan, “tá” bem.

Voltou-se para o monte de brinquedos esparramados e começou a pegá-los, olhá-los e guardá-los na caixa.

Neste momento, encerrou-se a sessão lúdica centrada na aprendizagem (S.L.C.A.).

## RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

Após aplicação dos testes: *Anamnese*, *E.O.C.A.*, *Pareja*, Os quatro momentos da criança, *Dia dos Meus Cumpleaños*, Hora do jogo diagnóstica, Entrevista com a Professora, Provas Pedagógicas e Psicopedagógicas, percebe-se que R.M.S. apresenta dificuldades em alguns aspectos da aprendizagem, o que Fernandez (1991) chama de carências nas condições econômicas, orgânicas e educativas, as quais poderão ser superadas por meio de intervenção psicopedagógica, podendo até mesmo abrir espaço para a autoria de pensamento.

A análise diagnóstica evidencia obstáculos relacionados à vinculação afetiva (família) que se estabelecem nas situações de aprendizagem, podendo se apresentar de diferentes formas.

R.M.S. apresenta obstáculos de aprendizagem de natureza epistêmica e epistemofílica, pois demonstra limitações do conhecimento, ou seja, não consegue aprender além do que sua estrutura cognitiva permita e também evidencia os prejuízos adquiridos nas primeiras relações afetivas (mãe e pai) e indícios de intolerância à frustração, pois não aceita ser corrigida, o que a impede de aprender. Mesmo tendo limitações, R.M.S. possui esquema de pensamento para a aprendizagem, mas o utiliza parcialmente por falta de vínculo afetivo, o que dificulta ou até mesmo a impede de aprender (VISCA, 1987).

R.M.S. apresenta uma modalidade de aprendizagem em desequilíbrio quanto aos movimentos de assimilação e acomodação, apenas os utiliza quando deseja sintomatizando uma hipoacomodação, quando precisa sempre ressignificar suas histórias, vivências, às vezes, quando se esquiva para não fazer os deveres e na hiperassimilação, pois R.M.S. na maioria das vezes questiona as regras e quase nunca demonstra necessidade de ter a professora ao seu lado para resolução e finalização de suas tarefas.

Para Fernandez (1991), R.M.S. poderá se libertar e resgatar sua capacidade de aprender somente quando a busca pela inteligência deixar de ser um sacrifício, quando existir um significado prazeroso, o qual foi

esquecido ou até mesmo perdido, o que se tornará uma satisfação para o psicopedagogo, pois afinal, recuperar o prazer de aprender de uma criança é o seu grande objetivo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Curso: Pós-graduação em Psicopedagogia

Estágio Supervisionado

### Informe Psicopedagógico – devolução

#### 1 – DADOS PESSOAIS

Aprendente: R.M.S.

Data de Nascimento: 14/12/2006

Idade: 4 anos e 09 meses

Escola: C.E.I.B.S.M.

Ano: Jardim I

#### 2 – MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

- Queixa da Escola (Professora e/ou Serviços):

A professora relatou que R.M.S. é muito desatenta (distrai-se facilmente com qualquer estímulo externo), é irrequieta, não dá continuidade ao que iniciou; apresenta dificuldade no aprendizado.

- Queixa da Família:

A tia relatou que R.M.S. demora muito para fazer suas atividades, apresentando certa dificuldade no aprendizado, também queixou-se de desatenção e acomodação.

#### 3 – TEMPO DE INVESTIGAÇÃO

- Período de Avaliação:

06/09/2011 a 13/12/2011

- Número de Sessões:

11 sessões.

#### 4 – INSTRUMENTOS USADOS:

Os instrumentos utilizados para a análise foram:

- *Anamnese*
- Observação na sala de aula/ fora da sala/ materiais escolares
- E.O.C.A.
- *Pareja Educativa*
- Entrevista com a Professora
- Os 4 Momentos da Criança
- Dia dos Meus *Cumpleaños*
- Provas Operacionais de Piaget
- Hora do Jogo Diagnóstico

#### 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS NOS ASPECTOS:

- Aspecto afetivo/emocional:

Pode-se notar nos testes projetivos que a personalidade de R.M.S. caracteriza-se por sentimentos de carência, apresenta vínculo afetivo familiar em desequilíbrio, provavelmente pela ausência da mãe biológica.

- Aspecto social/cultural:

Apesar dos pais biológicos de R.M.S. serem pessoas com pouca escolaridade e instrução, sua família adotiva não lhe privou de conhecimentos e novas elaborações do saber. Portanto, R.M.S, apresenta expressão e muita criatividade, o que pode ser observado nos testes.

Vale ressaltar que as dificuldades diárias apresentadas como desatenção, e inquietude podem certamente serem causadas pela ausência materna, o que afeta ainda mais seu aprendizado e relacionamento escolar. Pois, é sabido que a mãe, como a primeira ensinante exerce uma influência fundamental no desenvolvimento dos filhos.

- Aspecto Corporal:

Nota-se que R.M.S., apresenta equilíbrio corporal, uma adequação motora à etapa de sua evolução, tem facilidade de manejo e preensão dos objetos (tesoura, jogos e pintura) seus objetos não caem com frequência, acalca o lápis na folha somente quando está nervosa ou triste. Enfim, R.M.S. apresentou uma motricidade independente.

- Cognitivo Pedagógico:

Seu nível de cognição está dentro do esperado da realidade dentro dos Parâmetros Curriculares ditados pela LDB.

## 6 – SÍNTESE DOS RESULTADOS – Hipótese Diagnóstica

A 1ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo/emocional.

A 2ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo.

A 3ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo.

No todo, ela é uma criança que apresenta obstáculos epistemofílicos e epistêmicos com processos de assimilação e acomodação prejudicados sintomatizando uma modalidade de aprendizagem hiperassimilativa e hipoacomodativa.

## 7 – RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES

Em alguns casos, é necessário o acompanhamento de mais de um profissional, como é o caso de R.M.S., deste modo, sugere-se o acompanhamento de um psicopedagogo para que se consiga identificar a origem das fraturas de seu processo de aprendizagem. Identificando-os, o psicopedagogo fará então a intervenção de um modo que venha saná-las.

Sugere-se também o acompanhamento de um psicólogo para os problemas de cunho afetivo, os quais foram observados durante as sessões.

Sugere-se ainda o acompanhamento de um pedagogo fora da sala de aula, no desenvolvimento das tarefas.

#### 8 – OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Acréscimos de dados (novos), conforme casos específicos, identificados neste momento. (do Informe):

---

---

---

Anápolis, 17 de Março de 2012

---

Assinatura do (a) Estagiário (a).

## REFERÊNCIAS

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 2. ed. revista e atualizada. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

\_\_\_\_\_. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 3. ed. Porto Alegre: artmed, 2007.

\_\_\_\_\_. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como Tratá-las?** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

COLL, C. **Significado y sentido em el aprendizaje escolar.** Infancie y aprendizaje, 41, 131-142, 1988.

COLL, C.; MARCHESI, A. e PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GOULART, A. **Aprendizagem e não aprendizagem – duas faces de um mesmo processo?** Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

MALUF, A. C. M. **A importância das atividades lúdicas na educação infantil.** 2008.

MORAES, D. N. M. Diagnóstico e avaliação psicopedagógica. **Revista de Educação do IDEAU.** V. 5, n. 10. jan-jun. 2010.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

PILLOTTO, S. S.D.; SILVA, M. K. e MOGNOL, L. T. **Grafismo infantil: linguagem do desenho.** Joinville: NUPAE, 2004.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional: Teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** 2. ed. Rio de Janeiro: WAK ED, 2007.

RUBINSTEIN, E. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: Sisto, Fermino Fernandes...[et al.]. **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de Aprendizagem.** A Psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

## ANEXOS

## Anexo A - Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A)



## Anexo B - *Pareja* Educativa

## Anexo C - Dia dos meus *Cumpleaños*

## Anexo D - Os Quatro momentos do Dia

## Anexo E – Anamnese

### A-IDENTIFICAÇÃO:

Nome do (a) cliente: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Fone: \_\_\_\_\_ Celular: Pai: \_\_\_\_\_ Mãe: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

### B-CONSTELAÇÃO FAMILIAR:

PAI: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

MÃE: \_\_\_\_\_

PAI: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

### B-1- RESPONSÁVEIS:

Nome: \_\_\_\_\_

Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

### B-2-IRMÃOS: (citar idade, sexo, escolaridade)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### B-3-PARENTESCO:

Há parentesco entre os pais? \_\_\_\_\_ Se sim, qual é o grau deste parentesco? \_\_\_\_\_

Pais Casados ( ) Separados ( ) Pai Ausente ( ) Motivo \_\_\_\_\_

Mãe Ausente ( ) Motivo \_\_\_\_\_

Pais Adotivos ( ) Com que idade ( da criança) assumiram a guarda? \_\_\_\_\_

Qual (ais) o (s) motivo (s) que levaram a adotar uma criança? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A condição de filho (a) adotado (a) é sabido pela criança? Sim ( ) Não ( )

Se sim, desde quando tomou conhecimento? \_\_\_\_\_

Qual foi a reação? \_\_\_\_\_

Se Não, qual (ais) o (s) motivo (s) que impede (m) de tomar conhecimento \_\_\_\_\_

**C- CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO:** ( Especificar época dos itens assinalados)

Gravidez Planejada - Sim ( ) Não ( )

Houve: Quedas S ( ) N ( ) ; Ameaças de Aborto – S ( ) Com quantos meses? \_\_\_\_\_ N ( )

Alguma doença? S ( ) qual(is) \_\_\_\_\_ N ( )

Uso de medicamentos S ( ) qual(is) \_\_\_\_\_ N ( )

Raio X – S ( ) com quantos meses ? \_\_\_\_\_ N ( )

**Evolução da gravidez:**

Visitas periódicas (mensais) ao

Adquiriu muitos quilos durante a gravidez

Fumava:

Medico ( PRÉ-NATAL):

Sim ( ) Quantos \_\_\_\_\_

Cigarros?

Sim ( ) não ( )

Não ( )

S ( ) N ( )

As visitas aconteceram

Bebida Alcoólica

mensalmente? S ( ) N ( )

S ( ) N ( ) Quantos copos? \_\_\_\_\_

Fez Ultra-sonografia? S ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )

Para quê e Por quê?

O bebê mexia muito?

Sim ( ) Não ( ) Quando

**D- CONDIÇÕES DO PARTO:**

Prematuro ( ) ; Com nove meses completos ( ) Bolsa estourou em casa ( )

Em casa ( ) – Quem fez ? \_\_\_\_\_

Ao Nascer, a criança chorou logo ? S ( ) N ( ) Porque? \_\_\_\_\_

No Hospital ( )

Parto normal ( ) Cezariana ( ) Demorado ( ) Rápido ( ) Forçado ( ) Com Forceps ( )

**E-CONDIÇÕES DO NASCIMENTO:**

Chorou S ( ) N ( )

Lotericia S ( ) N ( )

Cianose S ( ) N ( )

Convulsão S ( ) N ( )

Outras dificuldades ao nascer:

-----  
 -----

F – ALIMENTACAO:

Depois de quantas horas de nascido(a) chegou para mamar a primeira vez? \_\_\_\_\_ Horas

Dificuldades para sugar o bico do seio? S ( ) N ( ) Sugou muito forte S ( ) N ( )

Rejeição ao bico S ( ) N ( ) Rejeição ao leite S ( ) N ( ) Adormecia no seio S ( ) N ( )

Sugou com dificuldades S ( ) N ( ) Mamou durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

As vezes não mamava, mas fazia do bico como se fosse uma chupeta- S ( ) N ( )

Mamava com exagero - S ( ) N ( ) Mamava de madrugada S ( ) N ( ) Até O \_\_\_\_\_ MES

Fazia Vômitos S ( ) N ( ) Prisão de ventre S ( ) N ( ) Muita Prisão de ventre S ( ) N ( )

Quando começou a comer comidas pastosas? \_\_\_\_\_ E sucos ? \_\_\_\_\_

Quando começou a comer comida de sal? \_\_\_\_\_

Que tipo de comida? \_\_\_\_\_ Era inteira ( ) ou amassada ( )

Se amassada ( papinha), por que? \_\_\_\_\_

Durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

Qual foi a reação ao receber este novo alimento? \_\_\_\_\_

-----  
 -----

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio?

-----  
 -----

Caso não tenha amamentado no seio, por que?

-----  
 -----

O que tentou fazer até chegar, realmente, a dar o alimento através de mamadeiras ?

-----  
 -----

Aconselhada por quem ?

-----  
 -----

G- DESENVOLVIMENTO: ( responder em meses ou idade anos)

Comportamento: Muito quieto ( ) Agitado ( ) Choro Frequente ( ) Calmo ( )

Firmou a cabeça com \_\_\_\_\_ meses Engatinhou aos \_\_\_\_\_ meses

1º dentinho \_\_\_\_\_ meses; babou ate \_\_\_\_\_ meses. Falou aos \_\_\_\_\_ anos

Regugitava? \_\_\_\_ quando? \_\_\_\_\_ Controle das fezes, aos \_\_\_\_\_ anos

Sentou-se \_\_\_\_\_meses

Controle da urina durante o dia aos \_\_\_\_\_ anos

Andou \_\_\_\_\_meses

Mão que começou a usar com freqüência: D ( ) E ( )

Possíveis (primeiras) palacras se vocês lembrarem!

---



---

Deficiência na fala: S ( ) N ( ) Se sim quais? \_\_\_\_\_

---

Convulsões, com febre: S ( ) N ( ) Se sim quantas, quando e por que? O que foi descoberto? \_\_\_\_\_

Convulsões, sem febre S ( ) N ( ) Se sim quantas, quando e por que? O que foi descoberto? \_\_\_\_\_

Doenças – Quais? \_\_\_\_\_

Internação: S ( ) N ( ) Se sim, quantas e por quê? O que foi descoberto ? \_\_\_\_\_

---

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança? Quem? Quando Por quê?

---

H- SONO :

Tranquilo ( ) Agitado ( ) Dificil ( ) Com interrupções: durante o dia ( ) a noite ( )

Dorme bem( ) Mexe muito( ) Resmunga( ) Range os dentes( ) Fala/grita( ) Chora( )

Ri ( ) Sonambulismo ( ) Tem pesadelos, constantes ( ) Dorme no quarto dos pais ( )

Precisa de companhia ate pegar no sono ( )

Levanta-se à noite e passa para a cama dos pais ou irmãos ( )

Tem companhia ( Irmãos ou baba) que dorme no mesmo quarto ( )

I - MANIPULAÇÕES:

Usou chupeta: S ( ) N ( ) Tempo \_\_\_\_\_

Chupou/ chupa o dedo: S ( ) N ( ) Tempo \_\_\_\_\_

Roeu ou roi unhas: S ( ) N ( ) Quando \_\_\_\_\_

Arranca cabelos: S ( ) N ( ) Quando \_\_\_\_\_

Morde os lábios: S ( ) N ( ) Quando \_\_\_\_\_

Pisca o (s) olho (s) num gesto de tique: S ( ) N ( ) Quando \_\_\_\_\_

Quais atitudes diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

---



---

## J- SEXUALIDADE:

Curiosidade despertada ( ) Com que idade \_\_\_\_\_

Masturbação: S ( ) N ( ) com que idade \_\_\_\_\_

Local: Quarto ( ) Banheiro ( ) Qualquer Local ( )

Quando percebeu (RAM) este comportamento ? \_\_\_\_\_

Por quê ? \_\_\_\_\_

Envolve(eu) em jogos sexuais? S ( ) N ( ); Sozinha ( ), com outras crianças ( )

Quando ? \_\_\_\_\_

## L- SOCIABILIDADE:

Quando bebê, ia facilmente com outras pessoas? S ( ) N ( )

Prefere brincar sozinho S ( ) N ( )

Com freqüência, larga seus brinquedos para brincar com brinquedos dos outros S ( ) N ( )

Socializava os seus brinquedos S ( ) N ( )

Não aceita (va) outras crianças com os seus brinquedos S ( ) N ( )

Recebe(ia) com frequencia, a visita de amigos? S ( ) N ( )

Visita (va) com freqüência, a casa dos amigos? S ( ) N ( )

Mesmo brincando com brinquedos de outras crianças, não deixava brincar com os seus ?  
S ( ) N ( )

Aceitaca que outra(s) crianças assentassem no colo de pessoas conhecidas, como: mãe, avó,  
babá? S ( ) N ( )

Adaptava-se facilmente ao meio, com outras crianças? S ( ) N ( )

Faz amigos, facilmente? S ( ) N ( )

Tem amigos ? S ( ) N ( )

Conserva as amizades? S ( ) N ( )